

O PIANO EM DESTERRO NO SÉCULO XIX¹

Marcos Tadeu Holler²
Roberta Faraco Santolin³

PALAVRAS-CHAVE: Piano, Desterro, História da Música em Santa Catarina.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a função social do piano na cidade de Desterro (atual Florianópolis) do século XIX, traçando também sua trajetória histórica tanto no âmbito municipal e estadual como no âmbito nacional. O conteúdo da pesquisa foi dividido em quatro partes: profissionais, movimentação, gênero e apresentações relacionadas ao piano.

Tendo sido por muito tempo considerado um instrumento de elite, e sinônimo de status social para quem o possuía, o piano esteve presente na Vila de Nsa. Sra. do Desterro⁴ desde fins do século XVIII, e teve grande relevância para a elite na segunda metade do século XIX. Na revista *Nitheroy*, lançada em 1836, Manuel de Araújo Porto Alegre já descrevia a posição social do piano na época:

Nas mais Províncias do Brasil, a Música é cultivada desde a senzala até o palácio; de dia e noite soam a marimba do escravo, a guitarra e a viola do Capadócio, e o piano do senhor. (PORTO ALEGRE apud PACHECO, 2007, p.299)

Esta citação nos permite situar o piano já no início do séc. XIX como instrumento de uma elite cultural e econômica, enquanto outros instrumentos não participavam do meio das famílias mais abastadas. Esse mesmo fato pode ser observado em Desterro, como neste artigo do jornal *O Conciliador Catarinense* de 1851, ao descrever a música executada em um baile:

Não forão ao toque da desafinada flauta, gaita, ou outro qualquer instrumento facil de tocar, porém sim executadas no pianno e violino pelos insignes pianistas e violinistas Snrs. Luis Manoel da Cunha, de Paranaguá, e o polaco Hierônimo Ducski, e tudo se findou em boa ordem. (*O Conciliador Catarinense*, 19/10/1851)

¹ Projeto de pesquisa “Fontes impressas sobre a música em Florianópolis nas primeiras décadas da República”, Centro de Artes.

² Orientador, Departamento de Música.

³ Bolsista PROBIC.

⁴ Atualmente Florianópolis. O nome foi alterado em 1894, por esse motivo neste trabalho será mantido o nome “Desterro”.

Neste trabalho é abordada a função social do piano na cidade de Desterro do século XIX, bem como sua trajetória histórica. A escolha deste tema vem do fato de não ser um assunto muito pesquisado em Santa Catarina e especialmente em Florianópolis; existem pesquisas sobre o piano no Brasil, mas com o foco em outras regiões geográficas e abordando outros períodos que não o século XIX. Alguns aspectos serão pontuados: profissionais, movimentação, gênero e apresentações relacionados ao piano. Como fonte foi utilizada a documentação da época, sobretudo artigos de jornais (consultados sobretudo na Biblioteca Pública de Florianópolis, que possui em seu acervo a maior parte dos periódicos publicados em Desterro desde o primeiro em 1831) e inventários de testamentos, estes últimos encontrados no Museu do Judiciário, junto ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Cabe ressaltar que os dados apresentados aqui são apenas resultados preliminares, e que outros resultados e discussões mais aprofundadas serão apresentadas em um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o mesmo tema.

1. Os pianos em Desterro

Segundo Hélio Teixeira da Rosa (1991), o primeiro piano trazido para Nossa Senhora do Desterro foi em fins do século XVIII, tendo sido o Major Francisco de Souza Fagundes, vindo da ilha do Faial (nos Açores) na mesma época, um dos primeiros a lecionar piano na Capital da Província de Santa Catarina. Este é o dado mais antigo até o momento sobre a existência de pianos na vila. Até o período do surgimento da imprensa, em 1831, não foram encontradas outras informações sobre a chegada de pianos e/ou músicos com atividades relacionadas ao instrumento na Capital.

Entre os anos de 1867 e 1884, artigos nos jornais apontam uma grande concentração de anúncios sobre venda e aluguel de pianos, demonstrando que o comércio desse instrumento em Desterro teve uma regularidade neste período. Podemos destacar que a segunda metade do século XIX foi um período no qual a música teve um grande desenvolvimento em Desterro, em comparação aos períodos anteriores. Isso se reflete também no aumento de referências a outras atividades relacionadas ao piano como ensino, comércio de partituras e livros de música, concertos e récitas com piano e trabalhos de afinação e conserto do instrumento.

Cabral comenta a origem e o preço dos pianos em Desterro:

As famílias abastadas possuíam esplêndidos pianos quase todos ingleses, e quando acontecia de mudarem-se para fora do país, anunciavam-nos à venda por elevado preço, superior, por vezes, ao custo de um escravo (CABRAL, 1951).

Os artigos de jornais sobre venda e aluguel de pianos atestam em parte o comentário de Cabral. Por meio deles podemos verificar que a maioria dos anúncios que mencionam a nacionalidade do piano, referia-se à origem inglesa dos mesmos. Apesar de muitas vezes não ser anunciado o valor do piano, quando esse aparecia, diversas vezes era um preço relativamente alto, segundo Cabral. Uma fonte interessante sobre os pianos que se encontravam em Desterro no séc. XIX são os inventários post-mortem, que se encontram disponíveis no Museu do Judiciário, junto ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina. No momento desta pesquisa o Museu estava ainda em processo de organização e catalogação desses inventários, o que não nos permitiu uma pesquisa mais completa, porém a consulta a alguns dos inventários revelou informações interessantes.

Nos anúncios de jornais, o preço dos pianos variava entre 100 e 150 mil réis. No inventário do Comendador João Pinto da Luz, de 1866, encontra-se um piano avaliado em 300.000 réis (f. 27v). Já no inventário do Coronel Joaquim de Almeida Coelho, falecido em 1864, encontra-se um piano novo avaliado em 600 mil réis (f. 11). Podemos comparar esses valores ao dos escravos. Um exemplo encontrado no inventário de Jacintho José da Luz, de 1869, é o preço de uma escrava de 40 anos e doente, que é o mesmo do primeiro piano citado: 300 mil réis (f. 43). Além disso, os escravos mais novos e mais sadios tendiam a serem ainda mais valorizados do que neste caso.

2. Músicos

A seguir são apresentados dados sobre alguns dos músicos que no séc. XIX em Desterro desenvolveram atividades relacionadas ao piano, como professores, intérpretes, regentes compositores e afinadores.

João Francisco de Sousa Coutinho (1804-1869), compositor e intérprete, além de Presidente da Província, foi aluno de Francisco de Souza Fagundes (o Major Fagundes) e discípulo de Francisco Luís do Livramento, que por sua vez também foi aluno do Major Fagundes. João Coutinho teve uma interessante produção musical, tendo sido o

autor de peças sacras das quais algumas foram executadas em público (CABRAL, 1951, p. 15).

Da geração dos Fagundes (filhos do Major), dois aprimoraram-se na música: Luís e Antônio de Souza Fagundes (CABRAL, 1951, p. 14). Este último, em 1850, mantinha um colégio onde ensinava piano e canto, como pode ser visto em anúncio de 1851, segundo o qual “Antônio de Souza Fagundes continua a dar lições de piano e canto tanto no seu colégio no Largo do Senado como em cazas particulares” (*O Novo Íris*, 10.01.1851).

Por volta de 1851 chegou a Desterro o maestro José Maria Martins Leoni (1821 ou 1824 - ?), que atuou como compositor, regente e professor, ministrando lições de música, piano e canto como ilustra a nota em *O Despertador* de 16 de outubro de 1863: “José Maria Martins Leoni dá lições de música, canto e piano em casas particulares, em colégios e em sua residência”. Em 1861, dez anos após sua chegada, José Maria Leoni fundou a Sociedade Paraíso Desterrense, onde continuou com suas aulas; o jornal *O Mercantil* de 22 de outubro de 1861 anunciava “lições de música, canto, piano, rabeca, flauta e dança” na referida sociedade.

Em 1855 tem-se a notícia de que Joaquim Juvêncio Cidade ensinava música, encordoava e afinava pianos (CABRAL, 1951, p. 15). Na mesma época, Augusto Kratke, natural de Berlim, ensinava canto e piano à rua da Palma nº 8 (atual Álvaro de Carvalho) pelo preço de 1 mil réis a hora, ou 1 mil e seiscentos réis por 2 horas; pela afinação dos pianos cobrava 3 mil réis se fossem de duas cordas e 4 mil réis se fossem de três (*O Mercantil*, 17/01/1867).

A única mulher mencionada nos artigos como professora de piano é Henriqueta Molina, que chegou em Desterro em 1861, vinda do Rio Grande do Sul, propondo-se a ensinar música, piano e canto à rua do Vinagre, nº2, atual Bulcão Viana (CABRAL, 1972, p. 51). Um artigo em *O Mercantil* de 20 de abril de 1861 anunciava sua chegada à Ilha, e suas aulas.

Podemos observar que havia uma boa concorrência de músicos, tanto locais quanto vindos de outras regiões, que se dedicavam ao ensino de música e a dar lições de piano, principalmente na segunda metade do século XIX. Alguns destes provavelmente trouxeram seus próprios pianos, o que deve ter incentivado a aquisição do instrumento por parte dos alunos. Vale ressaltar também, que além de desempenhar a função – que muitas vezes era a principal – de lecionar música, essas pessoas por vezes acompanhavam outros instrumentistas em repertório de câmara, organizavam recitais e

outros espetáculos onde também se apresentavam, e alguns desses músicos exerciam ainda a função de regentes de coros e orquestras.

Citando outros dois nomes frequentemente mencionados nos jornais, José Brasilício de Sousa (1854 –1910) ministrava lições de piano, rabeca e música, era uma figura de destaque no meio artístico desterrense. Pernambucano de nascimento, veio para o Estado aos 3 anos de idade, onde atuou como artista, professor e maestro, tendo composto, entre outras peças, a música do Hino do Estado de Santa Catarina, com letra de Horácio Nunes Pires. Guilherme Hautz (1821-1910), chegado ao Brasil em 1851, instalou-se primeiramente na Colônia D. Francisca (atual Joinville), vindo depois para Desterro, onde fundou a Sociedade Euterpe 4 de Março. Foi também regente do coro da Igreja Matriz. Sua principal atividade estava relacionada à música, ocupando a maior parte do seu tempo com os afazeres musicais dedicando as horas vagas para o exercício da homeopatia (CABRAL, 1972, p. 52).

3. Gênero

Nos artigos de jornais pudemos observar que a música nos meados do século XIX era um campo que não oferecia muitas oportunidades profissionais às mulheres, nas diversas funções que essa arte oferecia. Temos apenas uma referência (citada anteriormente) de uma mulher envolvida com o ensino de piano em Desterro. Além da função de ministrar aulas, não foi encontrada referência alguma a uma mulher como regente, e somente duas referências a compositoras: o jornal *O Despertador* de 15 de maio de 1868 anunciava “um ramalhete de valsas para piano composta pela Sra. D. Maria Cândida Everard da Silva”, e *A Regeneração* de 18 de abril de 1878 informava que se encontram à venda, entre outras músicas para piano, “a walsa Íris e a polka Flor do Baile, compostas pela Exma. Sra. D. Maria Cândida de Sepulveda e Silva e pelo Sr. Felipe Augusto Vieira da Costa”.

A função onde a figura feminina tinha mais relevância era como intérprete, e mesmo assim existem poucas referências a elas, em sua maior parte filhas ou esposas de homens ligados às artes, quer seja como apreciadores ou como profissionais. Anúncios como este a seguir, d’*O Mercantil* de 1868, apresentava a lista de disciplinas oferecidas no colégio de meninas dirigido pela Baronesa de Saucken, que consistiam de “francês, inglês, alemão, português, história, geografia, aritmética, piano, desenho, trabalhos de agulha, crochet e todas as matérias exigidas para completar a educação”, e definem o

papel da mulher na sociedade desterrense do século XIX. Em um outro anúncio, de 11 de março de 1877 (no jornal *A Regeneração*), o “Collegio Esperança (para meninas)” anunciava o ensino de português, francês, desenho, prendas domésticas, canto e piano.

O aprendizado do piano estava destinado a meninas de classes com o poder aquisitivo maior e servindo como complemento à educação porque, como os pianos eram importados (Alemanha, França, Inglaterra), pagava-se mais do que pagaríamos hoje – que temos mais acesso no Brasil - por um instrumento. Isso fez com que o piano se tornasse símbolo de status social e, segundo Cabral (1972), “possuir um piano era o desejo de toda gente. Era sinal de prosperidade. De educação. De bom gosto e finura”. Existiam pianistas homens, mas como as mulheres é que tinham o piano praticamente obrigatório na educação, por um período ele pode ter sido taxado como um instrumento feminino o que por um tempo deve ter afastado os meninos do interesse pelo estudo do piano.

4. Apresentações

Os pianos não se encontravam somente nas casas de particulares. As sociedades musicais também tinham seus instrumentos, e promoviam recitais com frequência, geralmente de amadores. Por vezes também, algum apreciador das artes abria os salões de sua casa para a cidade.

Em abril de 1850, a diretoria do Teatro Particular Catarinense São Pedro de Alcântara informava aos sócios que continuaria as atividades tendo alugado uma casa pertencente a D. Maria Joaquina da Luz. Essa casa serviria de teatro para as diversas apresentações da sociedade, por 22 mil réis mensais durante 2 anos (CABRAL, 1972, p. 146).

Um artigo n’*O Despertador* de 1870 divulgava um concerto do pianista Juvenal de Sampaio no dia 12, na residência de Guilherme Hautz, citado anteriormente e conhecido pelo seu envolvimento com as artes, e pela fundação a Sociedade Euterpe Quatro de Março.

Podemos citar aqui algumas apresentações em clubes e casas particulares de Desterro. O Club Euterpe Quatro de Março comemorou seu 5º aniversário em 1876, apresentando peças para piano e canto, e também a banda de música Philharmonica Commercial (*O Despertador*, 07/03/1876). Um artigo n’*O Despertador* de 10 de setembro de 1879 descreve uma apresentação no Club Euterpe Quatro de Março,

durante a qual se tocaram algumas peças de piano. Um artigo no mesmo jornal de fevereiro de 1882 informava que a Sociedade 4 de Março, uma das mais ativas da Capital, desanimada com o baixo número de sócios, teve que parar com os concertos e rifar os dois pianos de cauda que possuía, segundo artigo no mesmo jornal.

Existem referências ainda a um piano no Teatro Santa Isabel, fundado em 1875. O trecho a seguir, d'*O Despertador* de 1884, descreve um evento realizado no referido teatro pelo Clube Abolicionista, no qual “as Sras. D. Emília Schutel e D. Maria Adelaide Oliveira acompanharam ao piano os Srs. Horácio Lemos (que executou solos de clarinete, saxofone e ocarina) e Francisco Costa (que tocou dois solos de flauta), sendo todos muito aplaudidos” (*O Despertador*, 01/10/1884).

Vale ressaltar que na maioria dos recitais e apresentações, o piano estava presente, fosse solo ou acompanhando um outro instrumento.

5. Considerações finais

Por meio da documentação analisada pudemos observar que no séc. XIX o piano era o instrumento predominante em uma classe monetariamente mais abastada, uma elite econômica que também desejava se diferenciar culturalmente. Apesar disso, o piano não ficou restrito apenas ao público mais abastado, visto que as apresentações realizadas com esse instrumento tinham uma certa frequência no Teatro Santa Isabel, nos teatrinhos improvisados ou nos salões de algum apreciador ou executante da arte, bem como nos salões dos clubes aqui existentes.

Observamos também que a vinda de profissionais de música com especialidade no piano foi considerável, e podemos supor que pelo menos a maioria dos profissionais que aqui aportaram tenham trazido seus instrumentos. Outro aspecto de relevância tratado foi a questão de gênero. O piano fazia parte da educação das jovens de famílias mais ricas, além de outras disciplinas como ciências, aritmética e línguas.

Todos os pontos analisados nos ajudam a compreender melhor a sociedade desterrense do século XIX e também sua vida artística e cultural. A pesquisa documental que está sendo realizada é de fundamental importância para conseguirmos abarcar um número maior de informações e assim podermos relacionar fatos e aspectos que auxiliarão em uma melhor compreensão desse contexto.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro: memória*. Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1972.

_____. *A música em Santa Catarina do século XIX*. Florianópolis, s.e. 1951.

PACHECO, Alberto José Vieira. *Cantoria Joanina: a prática vocal carioca sob influência de D. João VI, castrati e outros virtuosos*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2007.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro, 1831-1889*. Florianópolis: UFSC, 1995.

ROSA, Hélio Teixeira. A História da Música. In: MELO, Oswaldo Ferreira. (coord.) *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; I.H.G.S.C; Lunardelli, 1991.

SIEBERT, Itamar. Crônica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX. In: BRACHER, A.; AREND, S. M. F. (org.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 231-267.

Jornais

A Regeneração, 1868-1888

O Conciliador Catarinense, 1849-1851

O Despertador, 1863-1885

O Mercantil, 1861-1869

O Novo Íris, 1850-1852

Inventários

Jacinto José da Luz, 1869

Comendador João Pinto da Luz, 1866

Coronel Joaquim de Almeida Coelho, 1864